

## A CAVERNA LAPA DO BOM JESUS EM ARRAIAS – TOCANTINS E AS REPRESENTAÇÕES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA

*CAVE LAPA DO BOM JESUS IN ARRAIAS - TOCANTINS: REPRESENTATIONS AND COMMUNITY QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA*

Saulo da Rocha (1) & Denis Ricardo Carloto (2)

(1) Geógrafo.

(2) Professor assistente do departamento de Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT.

Contatos: [oluasgeo@hotmail.com](mailto:oluasgeo@hotmail.com); [denis.carloto@gmail.com](mailto:denis.carloto@gmail.com).

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estudar a comunidade Quilombola Lagoa da Pedra e as representações sociais da caverna Lapa do Bom Jesus em Arraias – Tocantins, atentando-se em identificar e entender as representações sociais e os mitos que fazem parte da cultura desta comunidade quilombola. Tomando como base para este estudo a relação da comunidade com a caverna Lapa do Bom Jesus, onde esta é considerada como um local sagrado e de grandes representações.

**Palavras-Chave:** representação social; mito; ex-voto; caverna; comunidade quilombola.

### Abstract

*The present work has a objective to study the quilombo community Lagoa da Pedra and social representations of the cave Lapa do Bom Jesus in Arraias – Tocantins, observing to identify and understand the social representations and myths that are part of the culture of quilombo community. Based on this study for the community's relationship with the cave of Lapa do Bom Jesus, where it is considered a sacred site and great performances.*

**Key-words:** social representation; myths; ex-vote; cave; quilombo community.

### 1. INTRODUÇÃO

“A história humana não pode ser contada sem referir-se às cavernas. A relação entre o homem e estes ambientes é tão ou quase tão antiga quanto sua própria história.” (LINO, 2001, p.17). Pelas palavras de Lino (2001), a história humana sempre (ou quase sempre) foi ligada ao ambiente cavernícola, no início da história humana com mais ênfase e com objetivos diferentes dos de hoje realizados, sendo as cavernas o primeiro lugar onde o homem se abrigou por condições climáticas e para se afugentar de animais e de ‘inimigos’ de outras ‘tribos’.

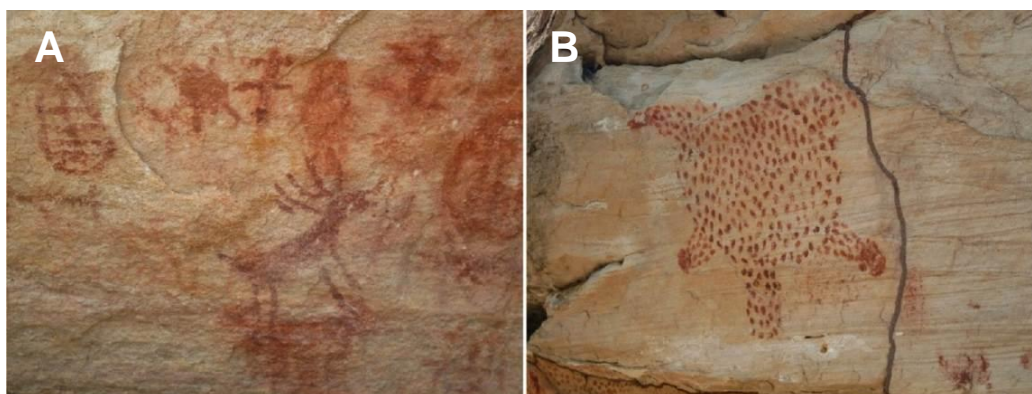
Com o tempo, a convivência (ou o uso) e a importância das cavernas foram aumentando para o homem, sendo que eles não a utilizavam mais somente como um abrigo para fugir das intempéries ou como um esconderijo, mas sim como santuários. Com base em Lino (2001, p.17), tais espaços foram “(...) abrigos e santuários para o homem, onde o profano e o sagrado conviviam e se completavam.” Assim, de acordo com Travassos *et al.* (2007, p.30), “a relação humana com as cavernas remonta a diversos cultos e mitos de alto conteúdo simbólico.”

Em algumas cavernas, ainda nos dias de hoje, são encontrados vestígios de cultos que os homens realizavam e realizam. As pinturas rupestres são umas das mais conhecidas formas que os ‘homens das cavernas’ se manifestavam. Pelas pinturas eles representavam os seus rituais, animais e outros eventos de seus cotidianos (Fig.1).

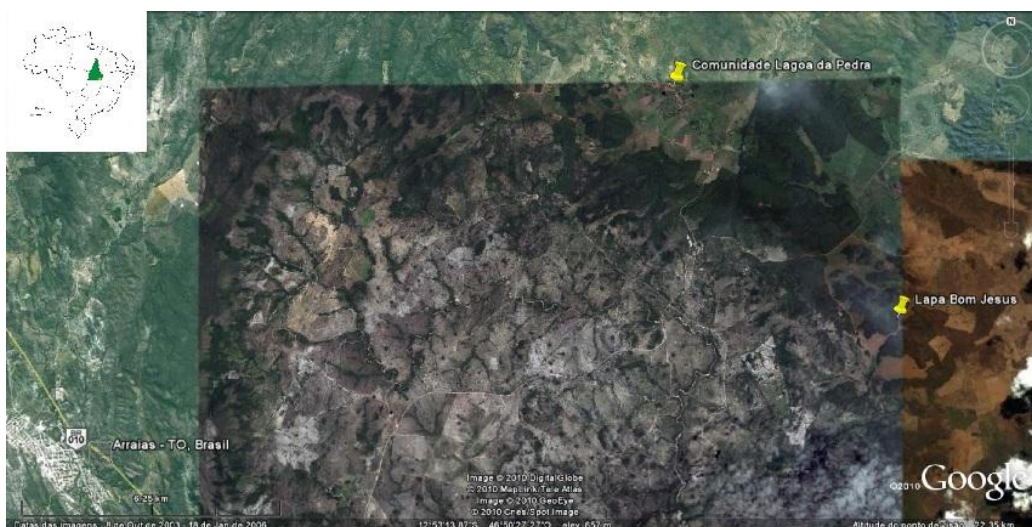
### A Caverna Bom Jesus da Lapa e seus usos

A caverna Bom Jesus da Lapa localiza-se a 16,2km da comunidade Lagoa da Pedra e 32 quilômetros da sede do município de Arraias, nas coordenadas S12°53’515” e W46°45’30” (Fig.2). A caverna é constituída de calcário e apresenta a projeção horizontal de 702m.

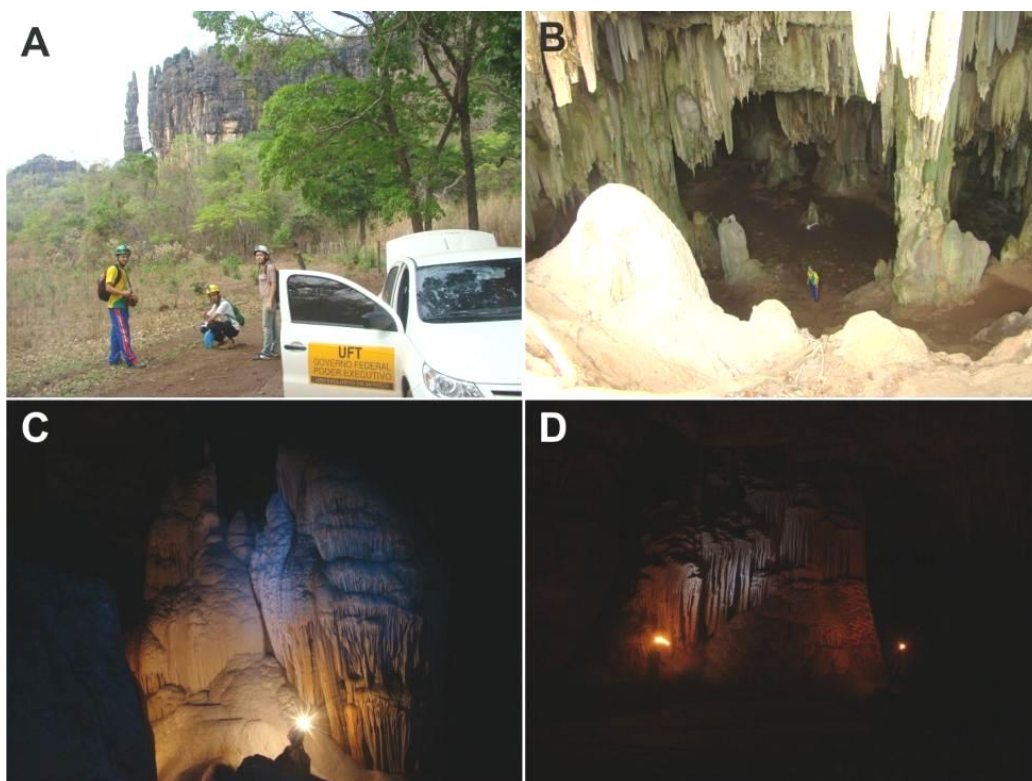
A caverna é bem ornamentada, possuindo grandes espeleotemas como cortinas, grandes colunas, estalactites e estalagmites durante todo o seu desenvolvimento são encontrados muitos travertinos de grande expressão, além de alguns espeleotemas como electites, agulhas, jangadas entre outros (Fig.3).



**Fig.1** – Pinturas rupestres. A- seus rituais. B- representações animais. (fotos: Alexandre Lino)



**Fig.2** – Localização da comunidade e da caverna Lapa do Bom Jesus (fonte: Google earth. adaptado pelo autor, 2010)



**Fig.3** – A- Afloramento calcário; B- Vista da entrada da caverna; C,D- Colunas de grande porte.  
(fotos: A- Fernando de Moraes / B,C e D – Saulo da Rocha)



Durante muitos anos a caverna vem sendo usada como santuário de peregrinações, onde são realizados dois eventos principais, que são o de São Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora D'Abadia. Esses rituais ocorrem nos dias 6 de agosto (São Bom Jesus da Lapa) e dia 15 de agosto (Nossa Senhora D'Abadia). A principal 'comemoração' e a de maior significado para a comunidade é a de São Bom Jesus da Lapa.

Apesar de algumas pessoas desconhecem como e quando foi descoberta e começado a ser freqüentada a caverna, um morador da comunidade, o Sr. Timóteo Dias Cruz (Sr. Tim), diz que a cavidade foi descoberta há muito tempo por um vaqueiro ainda no tempo da escravidão e desde essa época a caverna é utilizada como um local místico de cura e de muitas manifestações religiosas.

Nos dias 6 e 15 de agosto de todos os anos ocorrem romarias para a caverna, muitos romeiros vão para agradecer alguma graça alcançada e para a realização de pedidos de graças a alcançar. Os peregrinos que freqüentam a caverna nas datas de festejos, não são somente os integrantes da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, mas também muitas pessoas de outras cidades do próprio Estado do Tocantins, Goiás e Brasília (esses outros freqüentadores da caverna não necessariamente são quilombolas como os integrantes da comunidade Lagoa da Pedra, mas também integrantes da sociedade em geral). Essas pessoas que freqüentam os 'festejos' dos dias 6 e 15, podem de alguma forma ser migrantes (sendo esses, as pessoas que não moram na comunidade ou nas proximidades da caverna), que por motivos distintos, deixaram seus lugares de origem e foram morar em outros lugares, assim temos o que Maia (2001) chama de 'o retorno para a festa'. Esse 'retorno para a festa' nos mostra que mesmo quando as pessoas estão longe de seus lugares de origem ou se identificam muito com um determinado 'evento', ela deixa o seu lugar de morada para freqüentar este evento, mesmo que no seu lugar de morada tenha um evento 'igual', ele nunca se comparará com o de sua cidade, por obter uma forte identidade com esse evento.

Muitos peregrinos vão à cavidade não somente nos dias 6 e 15 de agosto, mas também a freqüentam sempre que necessitam pedir e/ou agradecer alguma graça. Na entrada e no início da trilha que dá acesso à caverna, foram colocadas algumas cruzes que indicam o agradecimento ao São Bom Jesus de graças alcançadas (Fig.4) e algumas pessoas que não conseguem percorrer a trilha (pelo nível de dificuldade da trilha) realizam seus

agradecimentos ao pé do morro, também fixando algumas cruzes.



**Fig.4** - Cruz na entrada da Caverna. (foto: Saulo Rocha)

Quando foi perguntado ao Sr. Tim, quando e como foi a primeira vez que visitou a caverna, ele nos disse:

eu tinha uns 15 anos *hoje com 78 anos de idade* e fui com o padre *responsável do município de Arraias*, que nos dia 6 e 15 de agosto fazia missa lá dentro da Lapa. E ia mais de 1000 pessoas pra lá! O povo acendia velas e rezavam de mais lá. Perto do altar tinha água e o povo levava pra casa pra curar as doenças ou para pagar alguma promessa. Antes ia muita gente pra lá, mas hoje os mais velhos não agüentam mais ir pra lá, e os mais novos não tem a mesma fé que os mais velhos, aí acaba indo menos pessoas pra lá. Tem até uma história dum homem que eu num lembro o nome, que ele tava lá na Lapa e ficou o dia todo lá e teve uma hora que deu sede nele, aí ele foi perto do altar onde tinha água e bebeu a água, aí um dia ele tava conversando com os amigos dele e falou que tinha bebido a água, aí os amigos dele começo a dar risada e falo que naquela água que o povo lavava as feridas que tinham no

corpo (*risos*) o homem quase vomitou lá (*risos*) (*grifo nosso*).

Dentro da cavidade foram encontrados bonecos feitos de cera de abelha, onde o Sr. Ruimar (morador da comunidade quilombola Lagoa da Pedra) afirmou que “as pessoas fazem algum pedido para alcançar alguma graça, e quando a alcança, elas fazem os bonecos ou modelo de alguma parte do corpo e trazem para a caverna como forma de agradecimento” (Fig.5a). Foram encontradas muitas fotografias (Fig.5b) em um local da cavidade que é chamado de altar pelos peregrinos, onde o motivo da deposição destas fotografias eram os pedidos de graça e agradecimentos. Junto aos bonecos e as fotografias foram encontrados remédios, que de acordo com Ruimar, “esses remédios são pedidos ou agradecimentos das pessoas que por graça alcançada sarou da doença e parou de tomar o remédio, ou também de pessoa que gostaria de parar de tomar esse remédio”. Esse tipo de ‘oferenda’ é chamado de ‘ex-voto’, que são

comuns entre os pagãos, os ex-votos foram assimilados pelos cristãos por volta do século IV e, desde então, passaram a representar a crença no milagre. As formas de representar as ofertas votivas se mantiveram ao longo do tempo, permitindo que se fale de uma tradição de longa duração, ocorrendo a substituição das divindades pagãs pelas do catolicismo. Essas formas de representação se difundiram na Europa do período moderno,

havendo inúmeros santuários em que as ofertas votivas eram expostas. Em Portugal também foram inúmeros os santuários erigidos para as ofertas votivas, sendo os portugueses os responsáveis pela difusão dessa tradição, ligada ao catolicismo no Brasil (ABREU, 2005 *apud* SOUZA, 2010, p.2).

## 2. METODOLOGIA

Neste trabalho, a metodologia utilizada para entendermos as relações humanas com as cavernas e neste caso foi aplicada à caverna Bom Jesus da Lapa, foi a teoria das representações sociais.

Moscovici (2003) define representações sociais como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2003 p. 21).



**Fig.5** – A- Bonecos de cera; B- Fotografias deixadas pelos peregrinos. (foto: Saulo Rocha)



O objetivo principal das Representações Sociais é o estabelecimento das relações entre os saberes comuns de um grupo social (senso comum) e os saberes científicos. De acordo com Carloto (2007, p.13) “os estudos da sociedade a partir da teoria das representações sociais, se faz necessário compreender o agir e pensar do indivíduo e sua compreensão sobre determinados fatos.” Sendo assim esta teoria pode nos auxiliar a entender as relações humanas com as cavernas com uma visão mais cultural, sendo esta uma experiência individual e coletiva de uma comunidade.

De acordo com Carloto (2007, p.13),

para Moscovici (2003) as representações sociais localizam-se a partir de dois mundos distintos na construção do conhecimento pelos indivíduos. O conhecimento construído na e pela sociedade, antes da modernidade, era a partir da distinção de dois mundos, um sagrado e outro profano. São esses mundos separados e opostos que, em diferentes graus, determinam, dentro de cada cultura e de cada indivíduo, as esferas de suas forças próprias e alheias; o que nós podemos mudar e o que nos muda; o que é obra nossa (*opus proprium*) e o que é obra alheia (*opus alienum*) (CARLOTO 2007, p.13).

Os dois mundos citados por Moscovici (sagrado e profano) em determinadas localidades dividem o mesmo espaço e fazem com que indivíduos integrantes de determinada sociedade vivam e modifiquem (tanto em termos estruturais como em termos representativos) estes espaços vividos.

Durante muito tempo essas esferas (sagrada e profana) eram opostas, como diz Moscovici, mas ao longo do tempo o sagrado e o profano foram ‘abandonadas’ e substituídas por dois universos, o consensual e o reificado. Assim Moscovici vê que no universo consensual

a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade, possuindo uma voz humana, de acordo com a existência humana e agindo tanto como reagindo, como um ser humano (MOSCOVICI, 2003 p.49).

Já no universo reificado “a sociedade é transformada em um sistema de entidades sólidas, básicas, invariáveis, que são diferentes às individualidades e não possuem identidade.” (MOSCOVICI, 2003 p.51). Seguindo essa idéia

podemos identificar e expressar a diferenciação dos universos consensuais e reificados, e até mesmo nos posicionarmos dentro de uma análise de uma determinada sociedade utilizando o ‘nós’ e ‘eles’, sendo ‘nós’ o universo consensual e ‘eles’ o universo reificado. Quando nos identificamos com o ‘nós’, nos fechamos em um mundo e não olhamos e nem nos identificamos com o que vem de fora dele. Já quando nos identificamos com o ‘eles’, olhamos de fora e como diz Moscovici nos tornamos “os robôs da burocracia e da administração”, onde não nos envolvemos diretamente com essa sociedade. Assim quando nos apegamos às ciências, nós conseguimos compreender o universo consensual e para compreender o universo reificado, nos apegamos às representações sociais. As representações sociais surgem quando transformamos o não-familiar em algo familiar.

Nas palavras de Gil Filho (2005), “como as representações sociais possuem uma substancialidade quase tangível no cotidiano, não contestamos os elementos simbólicos que a compõem e nem a prática que a ensina”. Pensando assim, as relações e experiências do sujeito com o objeto são passadas por gerações e essas representações têm uma força enorme no dia-a-dia da população local, com o tempo determinadas práticas culturais podem ser deixadas de lado, mas dificilmente esquecidas.

### 3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Para entendermos as representações sociais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, teremos que entender que

uma Geografia das Representações é uma Geografia do conhecimento simbólico. Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política (GIL FILHO, 2005, p.57).

Na comunidade Lagoa da Pedra identifica-se a representação de um mito onde dentro da caverna há um ‘quarto’ onde não se pode entrar, pois quando as pessoas entram lá as luzes, as velas e qualquer tipo de iluminação não funcionam. Algumas pessoas dizem ser ‘a morada de São Bom Jesus’. A história deste quarto vem sendo contada durante muitos anos e passando de geração para geração. De acordo com Rocha (2008), para a “psicologia junguiana, os mitos estão todos numa região da mente humana, a

qual se chama de inconsciente coletivo; uma espécie de repositório que todos os seres humanos possuem da experiência coletiva.” O inconsciente coletivo é algo compartilhado por toda a humanidade, e em casos de crenças e mitos locais encontra-se na comunidade. É, portanto, um patrimônio comum.

Dentro da caverna há uma formação que os romeiros a denominam de ‘altar’, neste altar os romeiros acendem as velas, fazem suas orações e também são realizadas as missas nos dias 6 e 15 de agosto (Fig.6).



Fig.6- Romeiros acendendo velas no altar.  
(foto: Teske, 2010)

Nas proximidades do altar, há um local onde os romeiros depositam moedas, que de acordo com Ruimar, “as pessoas fazem um pedido e trazem as moedas como forma de dízimo” e nas palavras de Sr. Tim:

quando eu estava em algum apuro, eu levava moeda para a Lapa e fazia pedido pro São Bom Jesus e colocava as moedas num buraco no chão da Lapa onde todo mundo colocava. Muita gente colocava moeda lá, mais tinha umas pessoa atoa que ficava pescando as moeda que nós jogava com uma linha com cera na ponta pra leva embora.

Um dos salões da caverna possui o nome de ‘quarto da barriga no chão’ (Fig.7 A e B), este salão possui duas entradas, onde as pessoas têm que se arrastar para adentrar nele. Este salão possui muitos mitos, como nos fala a Sra. Helena Ferreira Silva: “os mais antigos sempre falava que quando entrar mais de 1.000 pessoas aqui no quarto da barriga no chão, a entrada vai fechar e as pessoas não sai mais daqui”.

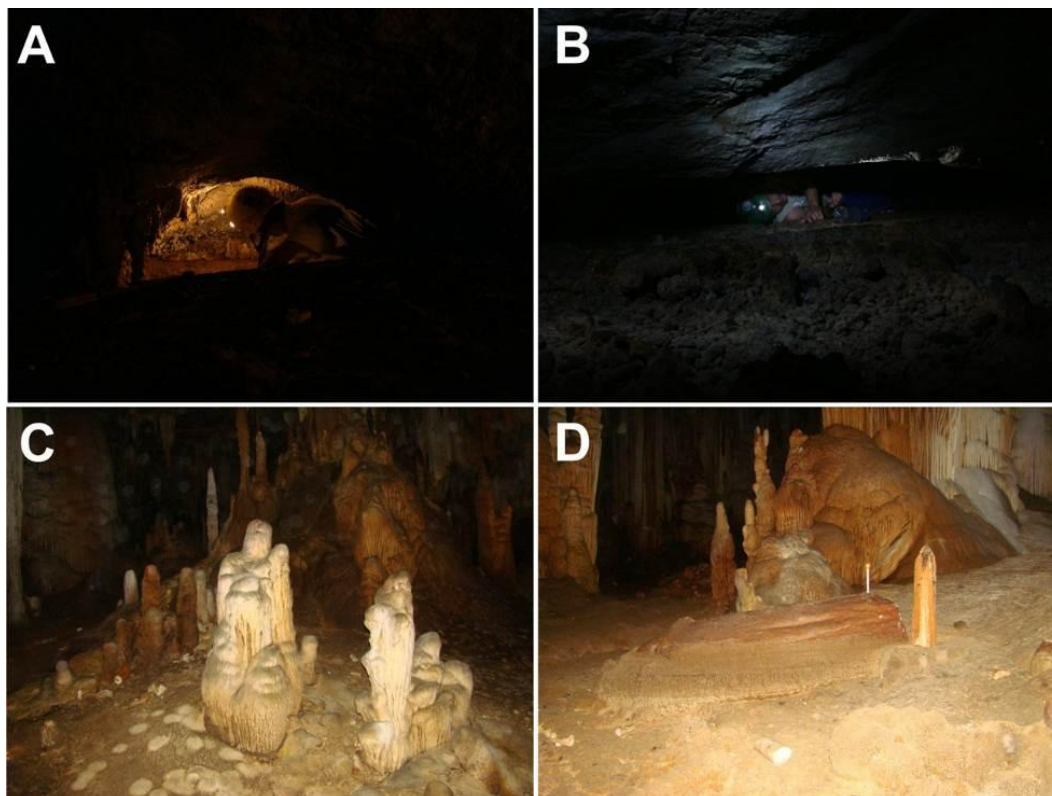
No quarto da barriga no chão há formações que lembram imagens de santos (fig.7 C) e uma

formação parecida com um caixão (fig.7 D), onde as pessoas acendem velas e fazem orações próximas a essa formação, não somente nos dias das romarias de São Bom Jesus e Nossa Senhora D’Abadia, mas sim quando os devotos visitam a caverna. Carregam consigo velas e fazem suas orações. De acordo com Ruimar, que frequenta a caverna desde criança, “o caixão mudou demais, antes ele era diferente, não tinha essa casca que tá começando cobrir ele agora não.” Essa formação que Ruimar nos fala que está mudando, no ponto de vista espeleológico, é uma evolução natural das formações cavernícolas, que de acordo com a precipitação do carbonato de cálcio, ele vai depositando e realizando novas formações.

Essa caverna tem uma importância muito grande para a comunidade local, muitas são as histórias contadas pelos frequentadores e devotos de São Bom Jesus da Lapa:

Dona Rosa Farias conta que:

eu estava com muita dor na coluna, eu estava com as costas travadas, estava com muita dor mesmo, não conseguia nem me sentar no vaso. Foi quando estava chegando o dia de uma folia, aí eu pedi pro São Bom Jesus ‘ô meu senhor, se for da sua vontade, eu peço pra conseguir um remédio pra ficar boa, aí eu vou até a Lapa na folia’, aí no dia da folia eu estava na roça com dor ainda, mais eu peguei e fui pra Lapa, nós fomos cantando até lá e quando chegou no pé do morro da Lapa já não estava mais com dor. Nós entramos na Lapa, eu subi o morro que quase nem cansei e nem senti dor. Nós estávamos acendendo velas e cantando a folia e foi quando estava escuro, só tinha algumas velas acesas, foi aí que eu vi um clarão muito bonito, que eu enxergava tudinho, eu via todo mundo perfeitinho, aí eu perguntei pro menino que estava do meu lado se ele tava vendo tudo claro e ele disse que não também estava vendo. Mais depois eu fui falar com algumas pessoas e ninguém mais tinha visto aquilo, eles falavam que ficou escuro o tempo todo e só via a luz das velas. Nesse mesmo dia (24 de julho de 2010) tem um lugar lá que tem uma ponta que fica pingando direto, aí nós colocávamos a mão embaixo de onde pinga e não pingava na mão, aí nós tirávamos a mão e aí começava a pingar, e nós colocávamos de novo a mão e nada, assim nós fizemos um monte de vez e não pingou na mão de ninguém (*grifo nosso*).



**Fig.7** – A e B – Entradas para o quarto da barriga no chão; C- Imagens de santos; D- Caixão.  
 (fotos: A - Gilney Cardoso / B,C e D – Saulo da Rocha)

Quando foi perguntado ao Sr. Tim a respeito das formações da cavidade que encontram-se quebradas, ele nos conta que

as pessoas levam as pontas das pedras que fica pendurado no teto da Lapa, pra proteger as casas, e as pessoas usam pra quando começa a chover e ventar muito, as pessoas colocam aquele pedaço da Lapa na porta da casa que é pra parar de chover logo ou chover mais fraco. As pessoas também colocam o pedaço de pedra dentro da água e quando ficam doentes elas tomam essa água. Mais também as pessoas levam água da Lapa, que é pra eles tomarem pra não ficar doente ou pra quando estiverem doentes, eles tomam a água.

De acordo com as entrevistas realizadas, percebem-se as fortes representações que a comunidade possui do ponto de vista religioso, segundo Bell (1996, *apud* GIL FILHO, 2005), “a religião proporciona a segurança a uma cultura sob dois aspectos: protegendo contra o demoníaco e proporcionando uma noção de continuidade com o passado.” Essa continuidade do passado faz com que a cultura local de visitar a caverna para fazer orações, levar ex-votos, realizar romarias e folias na cavidade tornaria cada vez mais forte a ligação da comunidade com a caverna e com as tradições

culturais antigas, mas como já visto nas palavras de Sr. Tim, “antes iam muitas pessoas pra lá, mais hoje os mais velhos não agüentam mais ir pra lá, e os mais novos não tem a mesma fé que os mais velhos, aí acaba indo menos pessoas pra lá.”, essa ligação com a caverna está se tornando mais ‘fraca’, mas isso não quer dizer que as representações locais vão se acabar ou serem esquecidas.

Durante a conversa com o Sr. Tim, sua esposa, a Sra. Simiana Conceição Matos, começou a falar sobre a caverna,

nossa aquilo alí é coisa de Deus, é do princípio do mundo, a Lapa é uma igreja que não foi feita pelos homens, ela foi Deus que fez e deixou pra nós. Eu gostaria de ter conhecido a Lapa antes, mais só conheci depois que eu casei com o Tim. Eu fui pra lá algumas vezes pra pagar promessa e cumprir os votos.

Com todas as conversas realizadas, pode-se observar que as pessoas possuem a necessidade de transformar algo abstrato em algo real, assim observa-se que a cavidade tornou-se o elo entre comunidade e religião, quando pensamos que as necessidades de ter um local sagrado onde ocorrem curas e um local que traz ‘proteção’ à comunidade.



Tomando como base os elementos que norteiam as pesquisas em representação, poderemos tentar compreender melhor as relações dos sujeitos com o objeto (a caverna), pois essas pesquisas perpassam muito pelas relações sociais e culturais locais, a fim de ter uma abordagem e uma compreensão mais ampla do conhecimento local e das utilizações dadas às cavernas.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho utilizou-se a teoria das representações sociais como forma de melhor entender as relações da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, localizada no município de Arraias – Tocantins, com a caverna Lapa do Bom Jesus. A partir desta teoria observa-se que muitas são as representações sociais desta comunidade, que por se tratar de uma comunidade tradicional, seus costumes ainda encontram-se bastante preservados.

Sendo esta uma comunidade bastante tradicional, vemos a partir da teoria das representações sociais, o modo que a comunidade

utiliza o espaço da caverna como um espaço religioso, no qual a necessidade de obterem um local sagrado acabou tornando a caverna este local. No que diz respeito aos mundos consensuais e reificados, acredita-se que esta procura viver fechada com suas culturas bastante preservadas, identificando-se com o mundo consensual, onde tentam ficar longe das interferências de fora. Mas nos dias de hoje isso se torna muito difícil, no qual o mundo reificado acaba interagindo e muitas vezes sobrepondo-se ao mundo consensual e impondo regras e transformando as sociedades.

#### AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos integrantes do Tocantins Espeleo Grupo – TEG, pela colaboração nos trabalhos de campo. Agradecemos também à comunidade quilombola Lagoa da Pedra, em especial o Sr. Ruimar pela receptividade, por nos guiar pela caverna e pela colaboração nas entrevistas de todos os entrevistados.

#### REFERÊNCIAS

- CARLOTO, D. R. **O espaço de representação da comunidade árabe-muçulmana de Foz do Iguaçu-PR e Londrina-PR: da diáspora à multiterritorialidade.** 2007. Dissertação (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2007.
- GIL FILHO, S. F. **Geografia da religião: O sagrado como representação.** Terra Livre, ano 21, v.1, n.24, p119-133, Goiânia, 2005.
- LINO, Clayton F. **Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo.** 2ª edição, São Paulo: Gaia, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- ROCHA, Everardo, **O que é mito.** São Paulo: Brasiliense, 2008- (Coleção primeiros passos, 151).
- SOUZA, W. S. de S. **Entre imagens e narrativas: os ex-votos da sala de promessas da igreja do anjo São Gabriel em Dom Macedo Costa-BA.** X Encontro Nacional de História Oral. Recife, 2010.
- TESKE, W. **Rituais, símbolos e rede de significados das manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias – TO: Um processo folkcomunicação de saber ambiental.** Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, 2010.
- TRAVASSOS, L.E.P.; TRAVASSOS, E.G.; TRAVASSOS, L.C.P.; RODRIGUES, E.R. **Ensaio exploratório sobre a percepção do endocarste e do exocarste de alunos de Ensino Médio.** Rev. Espeleologia, N XII, p. 30-35, Ouro Preto, 2007.